

## COMO LIDAR COM SEU SINTOMA

O significado é um sintoma<sup>1</sup>

Jairo Gerbase

Parece que Lacan inventou o termo *quatraça* (*quatrese*); pelo menos não está dicionarizado. Inventou porque o nó borromeano é feito de um trançado de esferas e ainda porque quis incluir uma quarta bola que conhecemos com o nome de sigma  $[\Sigma]$  – o sintoma.

Na minha opinião, a hipótese fundamental do seminário *l'insu* (o não-sabido), também chamado de *l'une-bévue* (o um-equívoco) é que existe um quarto tipo de identificação – a identificação ao gozo do sintoma – que permite um tipo especial de laço social e que se pode representar acrescentando um quarto círculo ao nó borromeano basal do RSI.

Isso é muito importante e devemos lhe dar muita atenção, porque significa que o sintoma é elevado à dignidade de uma ordem, de um registro, digamos, mental, de uma instância ou uma tópica se quisermos lembrar-nos dos termos de Freud; a tópica lacaniana seria  $RSI\Sigma$ . Isto quer dizer, que abordamos a realidade com o aparelho do gozo escópico, com a imagem, o olhar, enfim, com o corpo, que a abordamos com o aparelho do gozo vocal, com o significante, com a voz, enfim com a linguagem, quer dizer ainda que resta algo da realidade que é inabordável, que resiste a abordagem, que é, por assim dizer, real e, finalmente, Lacan acrescenta esse novo aparelho de abordagem da realidade que é sigma  $[\Sigma]$  – o sintoma. Será que o sintoma é mais eficaz na abordagem do real que o próprio significante ou mesmo a própria imagem? Será que  $[\Sigma]$  é mais hábil que o olhar e a voz na abordagem da realidade? Antes de tentar responder a esse pergunta, perguntemo-nos o que é essa realidade a qual se deve abordar.

Um nó borromeano é feito de trança: cruzamos três fios, na sexta manobra obtemos o nó borromeano basal e na décima segunda um outro tipo de nó. Como só podemos visualizá-lo no plano<sup>2</sup>, Lacan tentou, não mais usando círculos, mas tetraedros<sup>3</sup>, fazer um nó suspenso no espaço, um nó tridimensional. Notou que era preciso cruzar as arestas e não as faces do tetraedro e assim chegou à necessidade de introduzir a quarta esfera, dessemelhante, de modo a obter o efeito espacial do nó.

A trança fundamental, a que se entrecruza doze vezes, é um toro. Aliás, um nó é um toro e um toro é um furo. Um furo é difícil de definir sem que se faça um trajeto sobre ele e sem contá-los; é o que em matemática se chama de grupo fundamental<sup>4</sup>. É problemático dizer quantos furos há no nó; visualizado no plano há quatro; no tetraedro há mais; cada face pode conter um a quatro furos. Pode-se combinar cada face com todas as outras e consigo mesma e assim contar o trajeto constituinte do grupo fundamental. O conceito de grupo fundamental induz a pensar que é possível se desvencilhar da idéia de grupo social<sup>5</sup> e, em compensação, poder se apoiar na idéia de grupo matemático para compreender as instituições psicanalíticas.

Assim, ficamos reduzidos à constância de cada um desses furos, e esperamos, com a quatraça de Lacan, poder distinguir o que faz e o que não faz furo. De fato, na trança a quatro fios, alguma coisa torna solidários o furo dos círculos que formam o nó borromeano do RSI com o quarto elemento -  $\Sigma$ .

Voltamos à representação  $RSI\Sigma$ , na qual o  $[I]$  imaginário é o corpo, o  $[S]$  simbólico é o significante e  $[\Sigma]$  o significado é um sintoma. O  $[R]$  real, nesse modo de encadeamento está suspenso no corpo, e por isso Lacan foi induzido a dizer que o real continua o imaginário. Dito de outra maneira, trata-se do ponto de interseção de  $[I]$  e  $[R]$  (conforme figura 6 da aula) onde ele está marcado por um  $x$ . O real continua o imaginário no sentido em que a vida, o corpo vivo, depende, segundo Freud, do germe, da célula germinal<sup>6</sup>.

Nesse ponto se encontra a especificidade do corpo vivo do fala-ser que o isola do reino animal e que é a função falante. Esta função consiste na abordagem de uma realidade especificamente humana que é a realidade de furo. Esta realidade condiciona a impossibilidade da relação sexual. É verdade que a função da linguagem, do significante, do simbólico deveria suprir esse furo; também é verdade que a função do corpo, da imagem, do amor deveria suprir esse furo. Mas, o que me parece que Lacan introduz de novo, no *l'insu*, é que a função do sintoma, de sigma, de  $[\Sigma]$ , cumpre melhor essa função de compensação do furo do real, realiza melhor a suplência ao não há relação sexual. É por isso que Lacan quer (figura 7) colocar o real em continuidade ao imaginário, ou seja, porque o imaginário se redobra no simbólico, mas, ao mesmo tempo, é estranho a ele, como se pode notar no fato de que somente o corpo humano esteja programado para falar e inclusive para gozar de falar. Sem dúvida, a função de vivente coloca o homem no grupo dos seres vivos, mas a função de falante o isola daí inteiramente.

<sup>1</sup> Comentário da aula de 18/01/77, "o real continua o imaginário", do seminário "*L'insu qui sait de l'une-bévue s'aïlle à mourre*", de Lacan.

<sup>2</sup> **Plano** (GEOMETRIA). Conjunto de pontos que contém pelo menos três pontos não alinhados e contém toda reta que passa por dois de seus pontos. **Superfície**. Lugar geométrico dos pontos que limitam uma região do espaço, independente da profundidade. Em geometria é denominado área, cuja unidade principal é o metro quadrado. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

<sup>3</sup> **Tetraedro**. Poliedro constituído de quatro faces triangulares, quatro vértices e seis arestas. **Poliedro**. Sólido limitado por superfícies planas, que por sua vez são compostas, cada uma, de uma linha poligonal fechada. Os mais comuns são as pirâmides, os cubos e os prismas. *Ibid.*

<sup>4</sup> **Teoria dos grupos**. Geralmente, a palavra "grupo" designa um conjunto de elementos análogos, mas em matemática o conceito que ela expressa adquire significado mais restrito e preciso. A matemática moderna procura enunciar as propriedades das operações dentro de conjuntos, que podem ser definidos em função de uma estrutura comum. Grupo é um conjunto regido por uma lei de composição interna que satisfaz três propriedades fundamentais: a associativa, a do elemento neutro e a do elemento simétrico. Nesses termos, lei de composição interna é uma operação entre os elementos de um conjunto cujo resultado também pertence ao conjunto. Essa lei depende da qualidade dos componentes do grupo. Se, por exemplo, ele é formado por números, pode ser multiplicativo, e nesse caso a lei de composição se denomina produto; ou aditivo, quando a lei de composição se denomina soma. Se um grupo aditivo atende à propriedade comutativa, diz-se que é um grupo abeliano. **Exposição geral**. Até os séculos XVIII e XIX os grupos não eram reconhecidos como sistemas matemáticos. Um dos primeiros a atribuir-lhes tal caráter foi o matemático francês Joseph-Louis Lagrange. Outro matemático, também francês, Augustin-Louis

Cauchy, iniciou o estudo dos grupos de permutação, entendendo-se permutação como a função que reestrutura um número finito de elementos ou, mais especificamente, função biunívoca de um conjunto finito em relação a si mesmo. Assim, o grupo de permutação será aquele cujos elementos são permutações de um mesmo conjunto e em que o produto de duas permutações coincide com a permutação obtida ao se aplicar cada uma delas, de forma sucessiva. Posteriormente, o conceito de grupo transformou-se num artifício de grande utilidade para resolver complexos problemas no campo da álgebra de conjuntos. Na teoria de conjuntos definem-se como grupos os conjuntos que satisfaçam uma série de propriedades. Representando-se com o símbolo \* uma operação qualquer, que seja uma lei de composição interna definida dentro de um conjunto finito e não vazio, e designando-se com letras minúsculas cada um dos elementos que o constituem, um grupo deve satisfazer os axiomas seguintes: 1. A lei é associativa:  $a * (b * c) = (a * b) * c$  e pode-se consignar o resultado como  $a * b * c$ . Isto é, é possível operar primeiro os elementos a e b e seu resultado com c. O resultado é o mesmo que se obtém ao operar primeiro b com c e o resultado com a. 2. Existe um elemento neutro, ou seja, um elemento e que, operado com a, sendo a qualquer outro elemento do conjunto, dê como resultado a:  $e * a = a * e = a$ . 3. Existe um elemento simétrico: se um elemento opera com outro e o resultado da lei de composição é o elemento neutro, diz-se que o primeiro é simétrico do segundo e vice-versa:  $a * a' = e$  ou seja,  $a'$  é o elemento simétrico de a. 4. Um grupo denomina-se abeliano quando a lei de composição interna definida no conjunto satisfaz a propriedade comutativa. Por isso, podem-se empregar indistintamente os termos grupo comutativo e grupo abeliano:  $a * b = b * a$ . De acordo com essa propriedade, o resultado da operação dos elementos de um grupo não depende da ordem em que nela aparecem. Desses axiomas derivam uma série de propriedades elementares dos grupos. Assim, por exemplo, o elemento neutro de uma lei de composição é único, e a relação de simetria é recíproca. Se  $a'$  é o simétrico de a, a é o simétrico de  $a'$ . O simétrico de um elemento é único. **Tipos de grupos.** A estrutura de grupo é comum a diferentes tipos de conjunto, em que se definem leis também diversas. Os números inteiros e as frações formam um grupo abeliano para a operação de multiplicação, e os números inteiros positivos e negativos são um grupo abeliano em relação à adição. Nem todo grupo, no entanto, é constituído de números. Em geometria, por exemplo, os deslocamentos também constituem um grupo. Tal é o caso quando, num plano, parte-se de um ponto e chega-se a outro por meio de deslocamento em linha reta. Outro exemplo geométrico são as simetrias de um cubo: as rotações de 90º em volta dos eixos que passam pelos pontos médios das faces superior e inferior apresentam, da mesma forma, estrutura de grupo. **Subgrupos.** Chama-se subgrupo o conjunto incluído em outro, de modo que ambos apresentem estrutura de grupo para uma determinada lei de composição interna. Todo grupo admite dois subgrupos impróprios: um é o subconjunto formado unicamente pelo elemento neutro, o outro é o próprio grupo, considerado como subconjunto de si mesmo. Em geometria, as rotações formam um subgrupo dentro do grupo dos movimentos. Os múltiplos de um mesmo número inteiro formam um subgrupo do grupo aditivo dos números inteiros. **Isomorfismo.** Dois grupos são isomorfos nos casos em que existe uma relação bijetiva compatível com as leis de composição definidas em ambos. A relação bijetiva define-se como aquela que é ao mesmo tempo injetiva - se cada um dos diferentes elementos de um conjunto tem uma imagem diferente no segundo conjunto - e epijetiva - se todo elemento do segundo conjunto é imagem de um elemento do primeiro. Os elementos neutros de grupos isomorfos se correspondem particularmente, e o mesmo ocorre com os elementos simétricos. Dois grupos isomorfos diferenciam-se na notação, mas são tratados formalmente de maneira análoga, isto é, as mesmas propriedades são válidas para ambos. Nessa abstração radica a importância dos isomorfismos entre grupos, bem como, em geral, entre estruturas algébricas. Se o isomorfismo se estabelece entre um conjunto e ele mesmo, diz-se que se trata de um automorfismo. Exemplo de automorfismo é a relação biunívoca existente entre os números racionais e seus inversos. **Aplicações.** As aplicações da teoria dos grupos estendem-se virtualmente a todos os domínios da matemática. Os grupos abelianos, como suporte dos conceitos de anel, módulo, corpo e espaço vetorial, representam mais da metade da álgebra. A teoria dos grupos topológicos é um capítulo independente da topologia geral. A teoria dos grupos, do norueguês Marius Sophus Lie, domina diversos e importantes campos das ciências aplicadas, como a mecânica, a teoria da relatividade, a física de partículas e a cristalografia. *Ibid.*

<sup>5</sup> **Grupo social.** A sociologia divide as sociedades humanas em diversos níveis, segundo critérios como seu grau de coesão ou seu tamanho, entre muitos outros. A menor dessas divisões -- e uma das mais importantes, por sua influência na vida cotidiana -- é o grupo, conjunto estruturado de pessoas. Todos os homens pertencem, de modo voluntário ou involuntário, consciente ou inconsciente, a vários grupos sociais. **Características dos grupos.** Como em qualquer outra classificação sociológica, os grupos são estudados fundamentalmente segundo critérios como dimensão, coesão, interesses comuns, dinâmica, normas internas e papéis que seus membros desempenham. Embora não exista um critério exato para decidir quando se pode considerar como tal um agrupamento humano, o grupo possui sempre dimensão reduzida, que pode ser de duas ou três pessoas até várias centenas. À medida que o número de indivíduos aumenta, diminui a coesão estrutural do conjunto. Os termos usados em sociologia para designar agrupamentos maiores são coletividade, categoria ou população. Os dois últimos apresentam inter-relações muito mais fracas e são considerados sobretudo como categorias estatísticas. A coesão é uma das características fundamentais do grupo sociológico, pois identifica os membros do grupo entre si ao mesmo tempo que os diferencia de outros indivíduos. Cada membro de um grupo pode fazer parte de outros, organizados em torno de interesses diferentes e não contraditórios. Assim, por exemplo, o membro de uma família pode fazer parte também de um clube esportivo ou de uma instituição política ou cultural. A coesão que surge das inter-relações entre os diversos membros de um grupo ocorre porque todos têm um objetivo comum, e faz do grupo algo diferente da simples soma de indivíduos. Cada membro tem consciência de pertencer ao grupo e é reconhecido pelos demais como parte do mesmo. Outra característica comum a todos os grupos é a existência de normas próprias -- explícitas ou tácitas -- que devem ser observadas por todos os seus membros. Quem as segue é premiado com o reconhecimento coletivo; quem as transgredir é castigado com censura ou afastamento. Cada grupo possui também uma dinâmica interna própria. As relações interpessoais constituem campos de forças psicológicas e psicossociais, que configuram a dinâmica particular de cada grupo e repercutem tanto na evolução dos próprios membros como na atividade coletiva. Finalmente, é preciso levar em conta o papel desempenhado dentro do grupo por cada um de seus integrantes: nem sempre a liderança e o comando, por exemplo, são exercidos por uma mesma pessoa, pelo menos nos grupos informais. **Grupo primário e secundário.** Tornou-se clássica em sociologia a distinção estabelecida pelo americano Charles Horton Cooley entre grupo primário e grupo secundário. O primário caracteriza-se por relações interpessoais diretas, estáveis e íntimas, como as que se dão, por exemplo, em uma família ou entre amigos. Todos os demais são grupos secundários, baseados em outras relações, especialmente as relações formais ou legais, como os grupos criados no trabalho. Nos grupos primários, as relações são emotivas, ou seja, surgem espontaneamente, enquanto nos secundários são neutras e se regem por princípios estabelecidos. Várias outras classificações são aceitas pelos estudiosos e muitas delas, em termos práticos, têm sentido semelhante à de Cooley, como a divisão entre grupos informais (primários) e formais (secundários). A classificação do sociólogo alemão Ferdinand Tönnies distingue comunidade, correspondente ao grupo primário, e sociedade, associada ao secundário. Nesses conceitos se baseia o estudo das classes sociais dos sociólogos funcionalistas, criticados pelos de linha marxista porque partem do pressuposto segundo o qual a desigualdade social é funcionalmente necessária e por reduzirem o problema das classes sociais a uma questão meramente descritiva. Para os marxistas, as classes sociais sequer podem ser consideradas grupos sociais típicos, pois se cristalizam a partir de relações de produção. A análise marxista se concentra na estrutura social de classes determinadas pelas relações de produção. *Ibid.*

<sup>6</sup> Ver Freud, S., "Além do princípio do prazer", v. XVII, c. V. "Vemos como o germe de um animal vivo é obrigado, no curso de sua evolução, a recapitular (mesmo se de maneira transitória e abreviada) as estruturas de todas as formas das quais se originou, em vez de avançar rapidamente, pela via mais curta, até sua forma final"... "As células germinais, provavelmente retêm a estrutura original da matéria viva e, após certo tempo, com todo o seu complemento de disposições instintuais herdadas e recentemente adquiridas, separam-se do organismo como um todo".